

Dossiê

Juventude, modos de vida e diversidade

Apresentação

Mónica Franch

Tereza Queiroz

O dossiê “Juventude, modos de vida e diversidade” reúne um conjunto de artigos voltados a várias dimensões da vivência juvenil contemporânea, mostrando preocupação em dar abertura para essas experiências em vários contextos nacionais (Brasil, Argentina, Portugal, Espanha). Alia reflexões de caráter teórico e metodológico a estudos de caso específicos, que aportam uma sensibilidade etnográfica para grandes debates. A proposta é contribuir para a reflexão sobre a juventude atual, entendendo-a como sujeito social de faces múltiplas, que estimula interrogações por vias diversificadas de acesso.

Algumas temáticas foram privilegiadas, a das culturas juvenis e suas dinâmicas, a do trabalho, sua precarização e ressignificações, a do reconhecimento, a da escola e seus mecanismos de reprodução de desigualdades, compondo uma reflexão diversificada que envolve também distintas localidades e experiências.

O tema da cultura é recorrente nos estudos sobre juventude estando presente desde as reflexões iniciais da sociologia americana, “surpreendida” pela desordem provocada por grupos juvenis “resistentes” ao *American way of life*, horizonte quase inescapável da travessia para a vida adulta naquele momento histórico particular. Atualmente são outros os termos do debate, como sinaliza o artigo de Carles Feixa e Pam Nilan. Esses autores discutem e problematizam a idéia de cultura juvenil global, que, definida de forma genérica, pode encobrir novas modalidades de colonialismo. Chamam a atenção para a constituição das identidades juvenis e a hibridização constitutiva das culturas jovens na era da informação, destacando o trabalho de criação e ressignificação sempre envolvidos nos processos atuais de produção de sentidos. O artigo oferece uma importante contribuição ao tradicional debate sobre as culturas juvenis, a partir do cruzamento entre os termos juventude, hibridização, mundos plurais e globalização. Sem negar a ação das relações de poder presentes na globalização, os autores observam que “As culturas juvenis são sempre enfaticamente locais, apesar de seus artefatos terem uma origem global, já que os jovens se inserem no imediato, encarnando-se em relações econômicas e políticas localizadas”.

A questão do trabalho juvenil vem atraindo a atenção de diversos pesquisadores, na trilha tanto das intensas mudanças no mundo do trabalho,

quanto das novas significações de que vem sendo alvo, principalmente pelos jovens, os mais afetados pelas novas configurações. Rosilene Alvim abre o debate com uma entrevista em que questiona a perda da centralidade do trabalho, apontando alguns lugares comuns que circulam nos estudos sobre trabalho juvenil e escola, e que acabam por reativar antigos estereótipos sobre o caráter “educativo” e “terapêutico” do trabalho para os jovens pobres, omitindo o questionamento sobre a própria escola e sua responsabilidade na adesão ou afastamento dos jovens que a procuram.

Outra abordagem que discute a questão da centralidade do trabalho é a de Rachel Almeida que, com base em pesquisa com jovens gestores brasileiros, analisa suas percepções sobre o trabalho, tendo em vista o caráter de instabilidade e precarização que este vem assumindo nos últimos tempos. O artigo é o resultado de uma pesquisa junto a jovens universitários do curso de administração da PUC de Minas Gerais, que a autora classifica como “futuros gestores”, mostrando de que modo esses jovens traçam suas expectativas profissionais “em um cenário complexo, heterogêneo e instável”. Os resultados de sua pesquisa recomendam cautela na adesão às teses da perda de centralidade do trabalho, tendo em vista diferentes percepções e formas diferenciadas de lidar com a questão, que não implicam necessariamente a perda de centralidade do trabalho na vida de distintos sujeitos sociais.

Ainda sobre o mesmo tema, o trabalho de Mariana Gabrinetti apresenta os resultados de uma pesquisa com participantes de programas de qualificação profissional na província de Buenos Aires, sobre os sentidos que atribuem ao trabalho. A autora se interroga sobre os efeitos que o desmonte do estado de bem estar social e as novas configurações do trabalho acarretam sobre o trabalhador e sobre as significações que estão sendo elaboradas por sujeitos em distintas situações no mercado. Os resultados e análises que apresenta são relevantes para entender a multiplicidade de situações e significações que estão sendo gestadas e que também não cabem na afirmativa genérica de perda da centralidade do trabalho. Mesmo sem ter esse propósito, o artigo de Gabrinetti é um convite à realização de estudos comparativos que nos permitam conhecer melhor o efeito da precarização do trabalho entre os jovens de diversos países da América Latina.

Outras questões são ainda abordadas no dossiê: escola, reconhecimento, transição à idade adulta e a ética da pesquisa com jovens. Na trilha da presença/ausência das instituições na vida dos jovens, o trabalho de Marco Aurélio Paz Tella aborda o papel da escola na reprodução das desigualdades sociais e étnicas em distintos contextos sociais. Dois bairros periféricos das cidades de Lisboa e de São Paulo são os cenários etnográficos a partir dos quais podemos compreender as singularidades, mas sobretudo as convergências, de que se reveste a questão étnico-racial em ambos os países.

Já o trabalho de Márcia Longhi incide sobre as trajetórias de jovens de bairros populares e a construção de suas bases de reconhecimento na localidade, que se enraíza em valores locais, distantes dos ideais de “sucesso” econômico e profissional pensados sempre como hegemônicos na ótica do senso comum. Além do interesse de sua abordagem, o artigo é original em sua busca por novas lentes para enxergar um grupo usualmente tematizado a partir da violência e da criminalidade: jovens do sexo masculino, pobres e, em sua maioria, negros.

Elaine Muller propõe uma reflexão sobre a problemática transição à idade adulta, ou adulez, em tempos pós-modernos de descronologização do curso da vida, focalizando a imprecisão e indecisão que cerca atualmente o sentimento de idade adulta e seus marcadores sociais. O texto problematiza alguns dos *tropos* mais comuns nos estudos sobre juventude, questionando a ideia das “etapas da vida” e defendendo, em seu lugar, uma compreensão da vida como “processo”.

Encerrando o dossiê, o artigo de Márcio Ferreira de Souza introduz uma reflexão ético-metodológica sobre a pesquisa do que o autor denomina “temas sensíveis” junto ao público infanto-juvenil. Drogas, violência e sexualidade são algumas dessas questões, discutidas a partir de diversas experiências de pesquisa desenvolvidas pelo autor com a técnica do grupo focal. Trata-se de uma discussão relevante, num momento em que os dilemas éticos da pesquisa com jovens, limitam-se, por vezes, à questão da maioridade e do consentimento informado.

Os autores que comparecem ao dossiê são também de distintas nacionalidades, num esforço de estimular estudos comparativos e de ultrapassagem de olhares etnocêntricos centrados exclusivamente em experiências localizadas. A dialética entre o local e o global, como afirmam Feixa e Nilan, é nuançada e em tempos pós-modernos exige um alargamento dos horizontes interpretativos.

As escolhas incluem também a preocupação de contemplar pesquisadores com formação diversificada e com diferentes tempos de atuação no mundo acadêmico. Figuram autores já consagrados, com uma trajetória consolidada em uma produção científica qualificada, até representantes de gerações mais novas de pesquisadores, que propõem outros olhares sobre questões antigas e atuais.

Esperamos que a leitura dos textos selecionados inspire novas interrogações sobre o tema e estimule outros pesquisadores a desenvolverem estudos sobre a juventude contemporânea, que contribuam para ampliar o conhecimento dessa categoria social.

